



ALGUMAS PROBLEMATIZAÇÕES ACERCA DAS SOCIEDADES CAPITALÍSTICAS

Relato de Experiência

Bruna Neitzel Sepulcri¹

Rosinei Ronconi Vieiras²

Martha Tristão³

Resumo

O ensaio problematiza a lógica produtivista inserida nas sociedades contemporâneas. Coloca em discussão a própria noção de desenvolvimento, presente hoje na maioria dessas sociedades. Procura, ainda, fazer frente à tentativa de homogeneização nos modos de vida e da própria lógica funcionalista, de um sistema que procura se impor e penetrar em todo o tecido social. Considera-se relevante potencializar outros modos de vida e de relações que se contraponham ao modelo excludente e deteriorante presente no sistema capitalista.

Palavras-chave: Sociedades capitalistas; Lógica produtivista; Educação ambiental.

INTRODUÇÃO

Pensando no contexto de produção de uma subjetividade de massa impetrada pelo capitalismo, a qual procura homogeneizar os desejos, ligando-os ao consumo, é que se encontra a lógica mercadológica da exploração e maximização dos lucros, sem compromisso ético, presente no ideário de algumas empresas. As consequências do crime ambiental ocorrido na bacia do rio Doce exemplificam alguns antagonismos existentes entre a lógica produtivista e os modos alternativos que reivindicam outras relações e formas de produção e consumo.

Este ensaio problematiza o antagonismo presente nas relações socioeconômicas, além de enfatizar a importância da existência de outros modos de vida, que não se fundamentam pelo crescimento econômico, mas que adotam e praticam outras vias para o desenvolvimento sócio comunitário.

¹ Mestra em Educação pelo PPGE da Ufes, Vitória, ES, bnsepulcri@hotmail.com.

² Doutorando do PPGE, Ufes, Vitória, ES, rosineirv@hotmail.com

³ Professora da Ufes, Vitória, ES, marthatristao@terra.com.br

SOCIEDADES SUSTENTÁVEIS COMO POSSIBILIDADE

Dentro de um contexto em que diferentes relações socioecômicas coexistem, torna-se imprescindível potencializar práticas sustentáveis que se contraponham ao modelo hegemônico. É nesse sentido que o Tratado de Educação Ambiental propõe "[...] a formação de sociedades socialmente justas e ecologicamente equilibradas, que conservam entre si relação de interdependência e diversidade" (TEASS, 1992).

É, também, no contexto dessas diferentes realidades, muitas delas antagônicas, que se situam determinadas lógicas, que implicam em grandes problemas ecológicos – por exemplo, o crime ambiental provocado pelo derramamento de dejetos de minério na bacia do Doce – quando, ao mesmo tempo, existem várias práticas e movimentos que reinventam e reivindicam outras relações ecológicas e outros modos de produção e de vida.

É importante notar que a lógica produtivista da mineradora responsável pelo crime ambiental provocou a desestruturação social de vários municípios e acabou, depois, por desmobilizar os movimentos que se faziam contrários. Tal desmobilização se deu pela tentativa de cooptação financeira implementada sob diferentes formas e/ou pelo discurso da “crise”, do desemprego e da importância dela para o “desenvolvimento”. Tais fatos levantam provocativas problematizações, como a do filósofo italiano Giorgio Agamben, que durante uma entrevista, lembrou que a “crise” se tornou um instrumento de dominação, que serve para legitimar decisões políticas e econômicas. Segundo o autor:

‘Crise’ e ‘economia’ atualmente não são usadas como conceitos, mas como palavras de ordem, que servem para impor e para fazer com que se aceitem medidas e restrições que as pessoas não têm motivo algum para aceitar. ‘Crise’ hoje em dia significa simplesmente ‘você deve obedecer!’ (AGAMBEN, 2012).

Acreditamos ser, justamente, o que estamos presenciando no cenário político econômico atual do Brasil. Em nome da “crise” e do “desenvolvimento” presenciamos as barbaridades socioambientais e a negligência com a vida.

Nesse cenário, destacamos a relevância das denúncias realizadas pela “Caravana Territorial da Bacia do Rio Doce”⁴ que percorreu a tragédia da “lama da Samarco”, no lugar onde ocorreu o

⁴ A Caravana, que surgiu logo após o crime ambiental em MG, é constituída por diversos representantes de inúmeras organizações, associações, universidades, além da sociedade civil. Durante as viagens pelos municípios atingidos foi escrita uma carta que pode ser lida na íntegra através do *site*: www.agroecologia.org.br

rompimento até a foz do Doce. Também, ficou evidente a falácia de seus discursos em prol da sustentabilidade, bem como a forma como lidam com as consequências de seus impactos, implementando arranjos produtivos que exploram à exaustão tanto a força humana quanto os elementos não humanos, além de inviabilizar e desvalorizar qualquer tentativa de produção e alternativas de existência que se oponham ou não contribuam com a perpetuação dessas lógicas.

A agressão não se deu apenas aos ribeirinhos ou pescadores tradicionais, mas sobre toda a sociedade que vive na bacia do Doce. Medo e indignação talvez sejam as palavras que melhor representam o que está sendo vivido pela população dos municípios atingidos.

Por meio das mobilizações dos coletivos, como no exemplo da “Caravana”, é possível tensionar com forças capitalísticas tão empoderadas. Por isso, a urgência em “fazer junto” e não mais nos apropriarmos do discurso de “cada um fazendo sua parte”, como lembra Guimarães (2006), ao mencionar que o comprometimento de “fazer a sua parte” é importante no processo, mas, quando associado ao entendimento que sozinhos somos impotentes frente às estruturas de poder tão consolidadas, há a necessidade de nos unirmos.

Ainda, Tristão (2004) enfatiza que, para superar os desafios que se apresentam, todas as esferas das sociedades teriam que trabalhar de forma cooperativa e solidária, visto que a sustentabilidade está fundamentada na articulação das mais diversas dimensões humanas.

Com essa perspectiva consideramos ser possível uma mudança nos valores que assujeitam e deterioram a vida em suas múltiplas dimensões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que presenciamos em relação ao crime ambiental mencionado, defendemos que os antagonismos não representam desesperança, mas é no tensionamento entre eles que podemos encontrar possibilidades para alcançar as mudanças que buscamos. Para tanto, é necessário potencializar e visibilizar as tantas formas de ser, de viver e de ocupar diferentes territórios. Permitir, ainda, que os princípios da sustentabilidade se infiltrem nas culturas e nos processos subjetivos das sociedades.

REFERÊNCIAS

AGAMGEN, Giorgio. **Deus não morreu. Ele tornou-se dinheiro.** Entrevista concedida a Pepe Salvà. Tradução de Selvino J. Assmann. Revista do Instituto Humanitas da UNISINOS, 2012. <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/512966-giorgio-agamben>>. Acesso em: 04/11/2016.

GUIMARÃES, Mauro. **Caminhos da educação ambiental: Da forma à ação** / Mauro Guimarães (org.). – Campinas, SP: Papirus, 2006.

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo.** Porto Alegre: Sulina, 2007. 3ª Ed.

TEASS. **Tratado de Educação Ambiental e Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global.** 1992.

TRISTÃO, Martha. **A educação ambiental na formação de professores** – redes de saberes. São Paulo, SP: Annablume; Vitória, ES: FACITEC, 2004.